

Casa branca vira atração

Dona Maria Evangelista de Moraes, 88 anos, cearense de São Benedito, espalhou 11 filhos pelo Distrito Federal e cidades do Entorno. Mora com o filho José Francisco desde que o Recanto das Emas foi inaugurado.

“Tenho dois filhos no P-Sul, dois em Ceilândia, uma em Santo Antônio do Descoberto, três em Samambaia, um na Cidade Ocidental e dois no Recanto das Emas. São três filhas e oito filhos ao todo”, conta Dona Maria.

Ela e seu marido, Alfredo de Moraes, tentaram se adaptar a Brasília duas vezes. A primeira mudança, do Ceará para o Setor P Sul, deu-se em 1970. Quatro anos depois, estavam de volta. “O meu velho não gostava daqui. A vida dele sempre foi lavrando, na lavoura”.

Voltaram em 1983, para seu Alfredo tratar um câncer. Mas ele morreu no ano seguinte.

A família Moraes seguiu o padrão das cinco plantas arquitetônicas para construções populares na cidade. O casal Edileusa e José Francisco Alves Júnior, da quadra 109, resolveu usar seu próprio projeto. A casa virou atração.

Ela é pintada de branco e protegida por muro e portão de quatro metros. Uma porta, de madeira, é digna de contos de fadas — tem três metros de altura e cerca de dois palmos de espessura. Seus entalhes lembram as colunas das ruínas da civilização greco-romana.

Apesar da fachada majestosa, a casa, por dentro, está longe de ficar pronta. Faltam incontáveis detalhes de acabamento, como reboco, pintura e piso. Edileusa e José Francisco levaram três anos construindo e decidiram mudar-se, de qualquer jeito, ano passado, porque, afirmam, os fiscais da Administração implicavam com a obra.

“Eles dizem que a gente não precisa morar aqui, que não devíamos ter ganho o lote. Mas só nós dois sabemos o sacrifício que foi para construir”, conta Edileusa.

José Francisco, marceneiro, projetou tudo, da planta da casa aos desenhos das portas.

Do ponto mais alto da casa se avista todo o Recanto das Emas, com suas árvores ruivas, de folhas pintadas de barro e seus telhados de amianto enfeitados com uma antena.